

Árvore da diversidade: reflexões acerca da diversidade cultural com crianças e adolescente do espaço de acolhimento provisório de Marabá-PA

Kaio Coelho Rodrigues¹; Jhemerson da Silva Neto.²; Leticia Souto Pantoja³

¹Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, CEP: 68507-590 Marabá-PA, Brasil.

²Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, CEP: 68507-590, Marabá-PA, Brasil.

³Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, CEP: 68507-590, Marabá-PA, Brasil.

Palavras-Chave: Pedagogia Social. Relações étnico-raciais. Acolhimento.

1. INTRODUÇÃO

Discutir questões relacionadas à diversidade cultural (relações étnico-raciais e de gênero e outras) é um dos principais desafios dos educadores na atualidade. Mesmo em um país com a pluralidade cultural e étnica do Brasil a temática se torna demasiadamente delicada, visto que o sistema educacional tem dificuldades em lidar com o preconceito e a discriminação nas escolas. Diferenças econômicas, processos de precarização e a falta de desenvolvimento de políticas educacionais que possibilitem práticas em torno da promoção das diversidades ainda permeiam a estrutura da educação, sem levar em consideração as diferenças continentais entre as regiões e os seus extremos.

Com o crescimento do número de movimentos sociais e projetos ligados a educação não formal lincadas na diversidade no Brasil, a promoção e superação de desigualdades (em todas as esferas) passa a ser o objetivo primordial destes, visto que a educação não formal/pedagogia social “engloba todas as ações que são elaboradas intencionalmente e interferem educacionalmente na formação dos indivíduos” (GARCIA, 2009, p. 44), criando assim, um contexto social mais justo e igualitário, em outras palavras, uma educação com uma práxis pedagógica libertadora (FREIRE, 1987).

Tendo essas questões como ponto de partida, buscou-se desvelar algumas problemáticas que volta e meia aparecem no centro das discussões, não somente da sociedade brasileira, mas também, dentro do contexto mundial: o preconceito racial, intolerância religiosa etc. Diante disso, sentimos a necessidade de buscar a reflexão das crianças viventes do Espaço de Acolhimento Provisório de Marabá-PA, local onde aconteceu a execução do “Programa Estações: construindo trilhos, redes de solidariedade e práticas educativas para a inclusão social de crianças em situação de risco”, coordenado pela professora Dra. Leticia Souto Pantoja.

Norteando-se através de alguns objetivos que foram e estão sendo alcançados (ainda que de modo parcial) pelo presente trabalho dentro do campo social em que se insere o EAP: promover uma educação (social) emponderada, libertatória e democrática; refletir e compreender as diferenças étnico-raciais de cada corpo social; buscar, através do imaginário infantil, um espírito de solidariedade e respeito com o “outro” dentro e fora dos muros do Espaço; promover interações sociais dentro do próprio grupo social de crianças do “abrigo”.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A “Árvore da Diversidade” teve alguns pontos a serem elencados até chegar na sua construção. Dinâmicas, rodas de conversa, exposição de vídeos que traziam à tona a diversidade étnico-cultural presente em um país amplamente plural como o Brasil.

Iniciamos a abordagem da temática com alguns vídeos da série “juro que vi”, que retrata personagens do folclore brasileiro através de histórias animadas e contadas a partir da visão do povo brasileiro. O primeiro vídeo foi do personagem Saci Pererê, logo, passamos outro vídeo de um personagem folclórico, a Matinta Pereira e através desses personagens buscamos a reflexão dos envolvidos, enfatiza a cor, o contexto social que o personagem estava inserido, como também, o que eles achavam de cada personagem apresentado.

Na segunda etapa do processo trabalhamos questões de socialização em diferentes grupos, realizando brincadeiras de roda, dinâmicas, cantigas e canções do repertório popular brasileiro. Nessa etapa as crianças responderam bem aos processos de interação e socialização dentro dos mais variados grupos, pois a cada nova música ou dinâmica os grupos eram refeitos e ao final das atividades, as socializações se tornaram mais prazerosas e divertidas e os futuros pedagogos puderam desempenhar o papel de “pastores da alegria” (ALVES, 1994 p. 10).

Na terceira (e última) etapa, deu-se então início da construção da árvore, onde buscamos refletir diante de tudo o que já havia sido discutido e propomos que cada criança tivesse a liberdade de desenhar ou escrever tudo o que quisesse, independentemente de ser considerado belo ou feio, buscávamos algo que todos nos procuramos: a felicidade. Essa árvore poderia facilmente “árvore da felicidade”, pois ela significa que podemos ser felizes ao lado do “outro” sem distinção de raça, gênero ou perfil social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da construção da Árvore da Diversidade, pudemos refletir com os atores envolvidos no processo (neste caso, as crianças e adolescentes viventes do EAP) questões relacionadas à diversidade cultural, a saber: respeito à alteridade; cooperação (pelo fato da Árvore ter sido construída coletivamente); amizade etc.

Outro ponto a ser destacado neste projeto, foi o fato de de tal experiência proporcionar aos estudantes do curso de Pedagogia da UNIFESSPA (bolsistas e voluntários) a atuação em ambientes não-escolares e não formais, uma vez que o Projeto Político Pedagógico contempla disciplinas relacionadas a tal temática, ou seja, proporcionando a possibilidade de formação de qualidade de um profissional capaz de atuar nas mais diversas áreas da pedagogia, sobretudo, na formação do pedagogo social.

4. CONCLUSÃO

Através dessa e de outras atividades semelhantes, o “Estações” procurou trabalhar com os atores participantes as suas perspectivas de visão de mundo, pois somente assim poderemos fazer com que as desigualdades sociais presentes em nossa sociedade virem algo somente a ser lembrando (uma triste lembrança, por sinal) e estudado; não vivido por diversas culturas. Índigenas, negros, pessoas com deficiência etc. sentem as ações opressoras da sociedade ao longo de seus dias de vida. Cabe a nós, educadores, politizarmos o “oprimidos”, pois “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ‘ação cultural’ para a liberdade” (FREIRE, 2005, p. 30).

No âmbito da pedagogia social, o desafio é quebrar todas as barreiras que impeçam uma formação multicultural do indivíduo, de modo que também se faça um trabalho

coordenado, que una todos os contextos: social, cultural, étnico e afins. Além de mesclar teoria e práxis, fazendo também, com que a educação social faça um trabalho que englobe processos que começam debaixo, todavia, que não se limite a isso, pois esta tem chegar a todos. Não havendo um alcance de todas as classes, os “oprimidos” acabam continuando à margem de tais processos.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.
- [2] GARCIA, Valeria Aroeira. **A educação não-formal como acontecimento**. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Tese (doutorado).
- [3] FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- [4] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.